

# PREÇO DE ENTRESSAFRA NA SAFRA

**A escassez de boi gordo faz a cotação da arroba atingir o maior patamar dos últimos dez anos num período de safra, quando a oferta, teoricamente, deveria ser maior**



**H**á tempos que os pecuaristas não passavam por um momento tão agradável. Depois de anos de preços baixos, excesso de oferta, pressão dos frigoríficos e problemas sanitários, o mercado se ajustou e, agora, em plena safra do boi gordo, o pecuarista recebe pela arroba preços geralmente obtidos apenas no período de entressafra. Desde que a safra teve início, no começo do ano, as cotações da arroba do boi gordo só subiram e seguem em uma trajetória de alta que não tem perspectiva de ser interrompida.

Dados do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada, Cepea, da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Esalq, mostram que, de janeiro até a segunda quinzena de março, as cotações do boi gordo no mercado doméstico acumulavam uma valorização superior a 6%. Até o fechamento desta edição, o indicador Esalq/BM&F à vista já superava os R\$ 76,00 por arroba, e o indicador a prazo

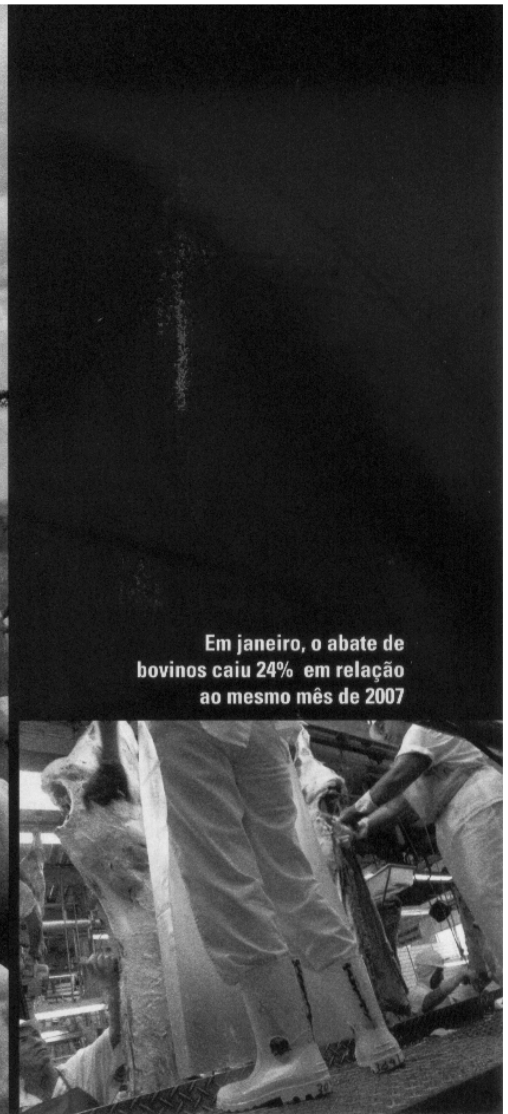
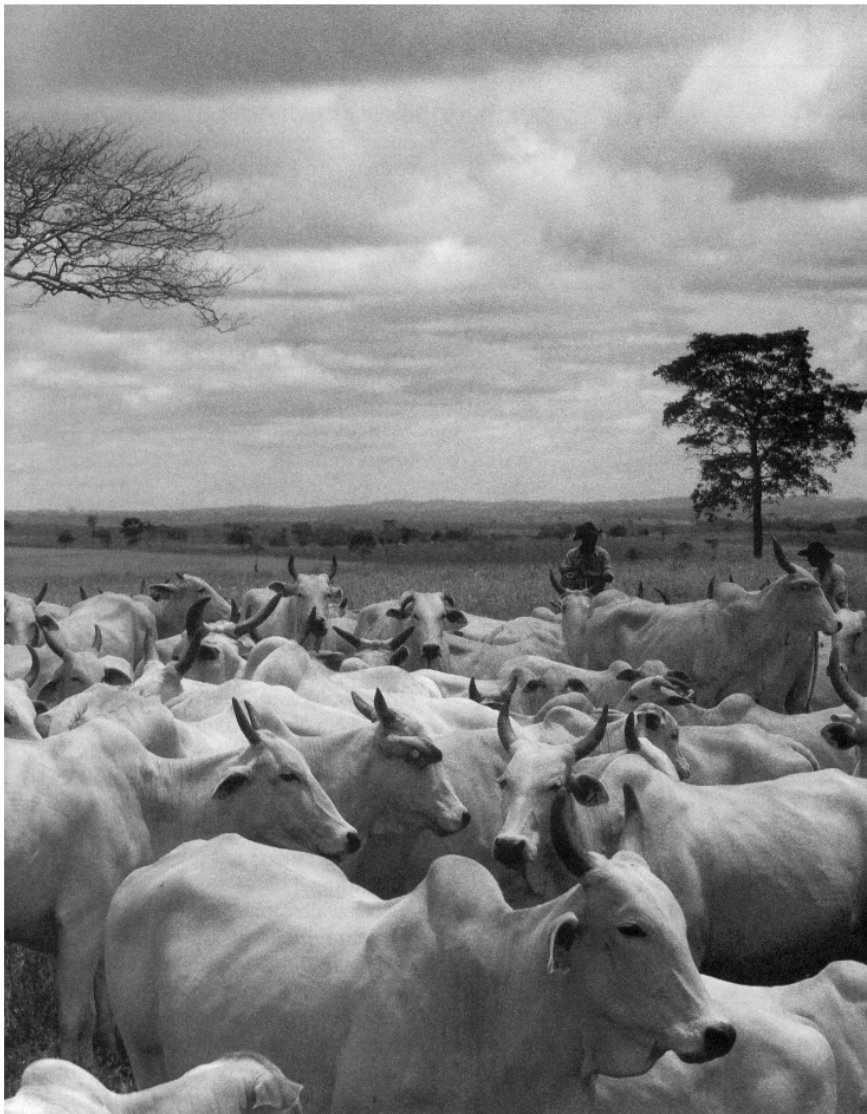
caminhava para o patamar de R\$ 78,00. Dentro da economia, poucos ativos acumulam altas dessa magnitude em um período tão curto.

Quando a comparação é feita com o mesmo período do ano passado, a valorização do boi gordo chega a expressivos 37%. Isso significa dizer que, nos últimos doze meses, a arroba do boi passou a ser um artigo procurado tanto no mercado interno quanto no externo, saindo imune inclusive das oscilações do mercado internacional de commodities. “As cotações do boi gordo têm evoluído lentamente desde o começo do ano, mas estão em uma trajetória firme e constante devido a todos os fundamentos existentes”, afirma Fabiano Tito Rosa, analista da Scot Consultoria.

O consultor se refere aos fundamentos que há tempos são ditados pelo mercado afora, mas que apenas agora estão sendo sentidos na prática. Entre 2005 e 2007, a produção de carne no Brasil cresceu 5,15%

e o abate de animais seguiu o mesmo caminho, com crescimento de 4,5% e alcançando 45 milhões de cabeças no ano passado. Com o consumo permanecendo estável na casa dos 36 kg/hab/ano, a disponibilidade e a oferta de carne cresceram tanto que a arroba não valia quase nada. As cotações caíram abaixo dos R\$ 50,00 em setembro de 2005 e, em janeiro de 2006, romperam o piso de R\$ 48,50, valor que perdurou durante todo o primeiro semestre daquele ano, para recuperar parte das perdas a partir de julho, quando a arroba voltou a ser negociada acima dos R\$ 50,00.

Nesse momento, no entanto, matrizes haviam sido abatidas e tiveram início as especulações de que, em algum momento, os preços voltariam subir. Pecuaristas chegaram a dizer naquela época que a arroba seria negociada a R\$ 80,00, pois o número de fêmeas descartadas havia sido muito grande. Indústrias e analistas duvidaram que esse preço pudesse ser alcança-



Em janeiro, o abate de bovinos caiu 24% em relação ao mesmo mês de 2007

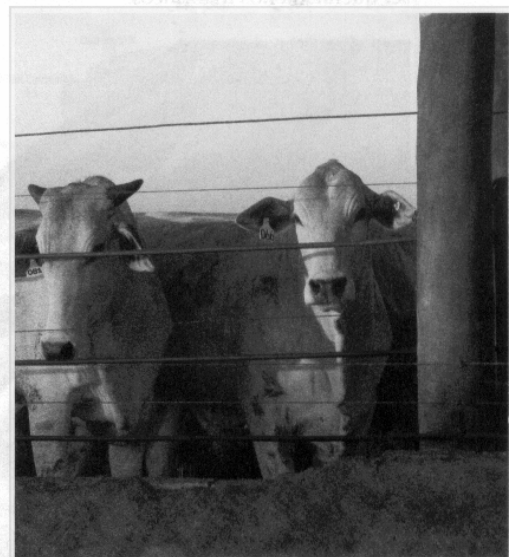
do. Hoje, os contratos de boi gordo negociados na Bolsa de Mercadorias e Futuros, BM&F, com vencimento em outubro de 2008, superam os R\$ 80,00 e há quem diga que o mercado físico poderá chegar os R\$ 90,00/@ no pico da entressafra.

A prova de que esse valor não é impossível veio em fevereiro, quando a União Européia embargou as importações de carne in natura do Brasil, alegando problemas no sistema nacional de rastreabilidade bovina. Sem poder exportar para o principal mercado brasileiro, os frigoríficos tiveram que encontrar outros destinos e direcionar ainda ao mercado interno parte daquilo que iria à Europa. Em teoria, o resultado dessa estratégia seria um aumento da oferta doméstica e a conseqüente queda nos preços pagos ao produtor. Na prática, as cotações da arroba não pararam de subir e a queda nos preços foi registrada apenas na ponta do varejo, pressionando as margens dos frigoríficos.

Apesar de ser um volume pequeno perto do total das exportações, os frigoríficos não conseguiram encontrar outros destinos para toda a carne mais nobre, como o corte traseiro, aumentando sua disponibilidade no mercado interno. Para Fábio Silveira, da RC Consultores, não existe uma tendência de queda nos preços da carne, mas também não existe um movimento de alta. "No segundo trimestre, a carne deve ficar estável por conta da valorização cambial. Além disso, existe um quadro de equilíbrio entre a oferta e a demanda no mundo", afirma.

#### **Tendência de valorização**

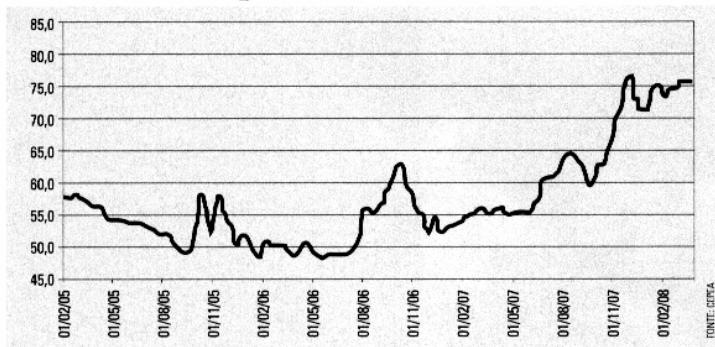
Dentro desse contexto, as indústrias processadoras viram o preço de sua principal matéria-prima sofrer uma valorização superior a 37% nos últimos doze meses, mas a possibilidade de repassá-lo ao varejo foi bem menor. O quilo do corte traseiro, principal parte do boi, subiu, de



Volume de gado confinado deve crescer 33% em relação a 2007



## Indicador Esalq/BM&F à vista



fato, nesse período, mas de forma mais moderada: 23%. O motivo que limita o aumento do preço ao consumidor final e prejudica diretamente a margem da indústria é que existe uma relação histórica entre o preço da carne bovina e a carne de frango. Quando o quilo do corte traseiro supera o valor de R\$ 5,60, o consumidor deixa de comer carne bovina e migra para o frango, reduzindo a demanda.

Apesar da aparente desvantagem, os frigoríficos ainda têm espaço para trabalhar com as margens apertadas. Entre a menor cotação do traseiro nos últimos doze meses, registrada no final de abril do ano passado, quando o quilo chegou a R\$ 4,00, e o valor máximo do período a R\$ 5,97, registrado em janeiro deste ano, houve uma valorização de quase 50%. No caso do boi gordo, o menor valor dos últimos doze meses foi de R\$ 55,37/@, registrado no final de março do ano passado, enquanto o mais alto chegou a R\$ 77,29, em novembro de 2007, registrando uma oscilação máxima de 40%. Na prática, isso significa que ainda existe uma certa "gordura" para ser queimada nos frigoríficos.

Para alguns analistas, os frigoríficos que enfrentam problemas de margens não têm como motivo principal o atual valor do boi gordo, mas uma estratégia errada nos investimentos realizados ao longo do ano passado. Muitas indústrias ampliaram de forma significativa sua capacidade de abate, mesmo sabendo que a disponibilidade de animais seria bem menor devido ao abate de matrizes realizado no período de preços baixos. A expectativa é de que os preços do boi gordo se valorizem ainda mais até o final do ano, já que a oferta de animais, que está restrita em pleno período de safra, tende a ficar ainda menor no segundo semestre, durante a entressafra. "Quem quiser fazer churrasco na segunda metade do ano, é bom fazer o hedge para a carne desde já, porque o preço vai subir mais", aconselha um corretor da BM&F.

A luz amarela ficou ainda mais intensa para as indústrias depois que o Ministério da Agricultura divulgou que o abate de bovinos havia caído para 1,72 milhão de cabeças em janeiro deste ano, uma retração de 24% em comparação com o mesmo mês de 2007. "Teremos uma oferta re-

duzida até 2010, quando os investimentos que estão sendo feitos nos bezerros de hoje começarem a surtir efeito na oferta de boi gordo", afirma José Vicente Ferraz, analista da AgraFNP Consultoria.

### Mercado diversificado

Para as indústrias, a situação só não ficou ainda pior porque os prejuízos provocados pelo embargo europeu foram minimizados. A restrição à carne bovina brasileira provocou retração das vendas à União Européia. As exportações para o bloco somaram 76,6 mil de toneladas no primeiro bimestre do ano, 19% a menos do que o registrado no mesmo período do ano passado. A receita das vendas para o mercado europeu, no entanto, foi 14% superior aos dois primeiros meses de 2007, totalizando US\$ 237,38 milhões, segundo dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carnes (Abiec). "A redução do volume exportado para a Europa já era esperado, mas foi compensado em parte pela alta nos preços da carne vendida para o bloco e pela diversificação de mercados que o produto brasileiro alcançou", disse Marcus Vinícius Pratini de Moraes, presidente Abiec e ex-ministro da Agricultura.

Na avaliação do ex-ministro, as carnes in natura que tradicionalmente eram exportadas para a Europa foram substituídas, em parte, pelo embarque de carne industrializada, principalmente cozida e congelada, produtos com maior valor agregado. Pratini lembra que os efeitos dessa substituição ainda não puderam ser percebidos no último balanço divulgado pela entidade, em fevereiro, mas começarão a se destacar na divulgação dos dados dos meses de março e abril.

Em fevereiro, as exportações de carne do Brasil somaram US\$ 341,5 milhões, o que significou uma queda de 2,7% em comparação com as de fevereiro de 2007. O volume de carne embarcado no período também caiu e fechou fevereiro com 165,32 mil toneladas (-24,4%). No acumulado do primeiro bimestre, no entanto, a relação está mais favorável, com as vendas externas somando US\$ 806,9 milhões em receita (+16,9%) e 362,01 mil toneladas (-16,5%), prova de que a carne brasileira está mais valorizada e que, ainda assim, existe demanda externa.

Diante de preços tão convidativos projetados para o segundo semestre do ano, os confinamentos deverão ampliar a oferta de animais durante a entressafra. A capacidade estática dos confinamentos filiados à Associação Nacional de Confinadores, Assocon, irá crescer quase 24% e chegar



Carne industrializada substituiu parcialmente a exportação de carne in natura à Europa



## PRATINI DEIXA ABIEC PARA SER CONSULTOR

O ex-ministro de Agricultura Marcus Vinicius Pratini de Moraes anunciou, no início de março, que deixará a presidência da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne (Abiec) a partir de abril. O motivo de sua saída é seu ingresso no Grupo JBS-Friboi, onde atuará como consultor, para ajudar a consolidar o processo de internacionalização do grupo, que adquiriu nove empresas estrangeiras em 2007 e 2008.

Pratini deixa a entidade depois de quase cinco anos de trabalho, que seriam completados em abril. Ex-ministro da gestão Fernando Henrique Cardoso, Pratini assumiu a Abiec depois de deixar o ministério da Agricultura, com a missão de ampliar a participação brasileira no mercado inter-

nacional de carne bovina. "Considero meu trabalho na Abiec cumprido, já que o Brasil se tornou o maior exportador mundial de carne. Assumo agora novos desafios junto ao JBS", disse ele.

De fato, os resultados obtidos pelo setor exportador de carne bovina nos últimos anos impressionam. O Brasil, que detinha uma fatia de 16% do mercado internacional de carne bovina no final de 2002, encerrou o ano de 2007 com o dobro dessa participação, com 33% do mercado, ou seja, um terço do comércio internacional. Com esses resultados, o Brasil supera de longe seus principais concorrentes, Estados Unidos e Austrália, que representam atualmente 8% e 19%, respectivamente.

a 397,4 mil cabeças em 2008. "Tivemos a entrada de novos associados, o que contribuiu para esse aumento, mas, mesmo considerando as mesmas bases de 2007, ainda assim, temos um crescimento de 16%", afirma Juan Lebron, diretor operacional da Assocon, entidade que reúne 46 confinamentos nos estados de SP, GO, MS, MT, MG e PR, que representam cerca de 25% dos animais confinados do Brasil.

O crescimento dos animais em confinamento está associado também a investimentos já realizados na ampliação dos projetos. Com o aumento da capacidade, cresce também o volume de gado confinado, que pode atingir este ano 663 mil



animais, 32,9% a mais do que o volume registrado em 2007, considerando uma utilização anual superior à capacidade estática. No ano passado, a taxa de utilização dos confinamentos era de 156%, percentual que subiu para 167%, de acordo com relatório divulgado pela entidade.

"Apesar de ainda estarem concentrados no segundo semestre, a distribuição ao longo de cada mês está mais regular. E essa é uma tendência dos confinamentos: oferecer animais, de forma regular, ao longo de todos os meses do ano, e não mais concentrar toda a oferta em três meses, como era no passado", afirma Lebron. O pico na oferta de animais deve ocorrer novamente em outubro, quando está prevista a entrada de mais de 142 mil cabeças no mercado. Esse volume é quase 50% superior ao do mesmo mês do ano passado. □

## EXPORTAÇÃO CAI E RECEITA SOBE

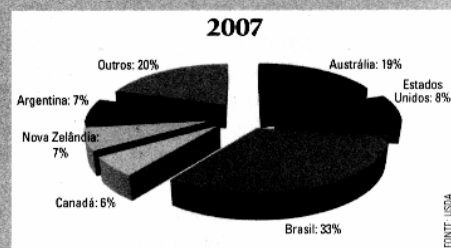
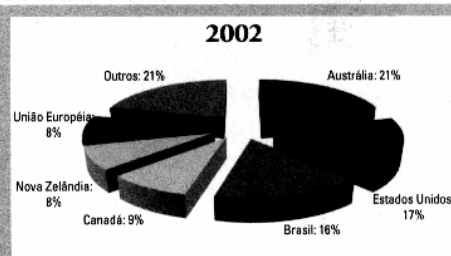
Dados da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne Bovina e Bubalina, Abiec, revelam que, apesar das restrições sobre a carne brasileira, a receita das exportações para a Europa, nos dois primeiros meses do ano, teve um aumento de 14% em relação ao mesmo período de 2007. Apesar do crescimento da arrecadação das exportações, neste mesmo espaço de tempo, o volume teve uma queda de 19%. O valor da receita com a exportação de miúdos no primeiro bimestre do ano foi o mais significativo, com um aumento de 177%, em comparação com o registrado em 2007. Para o presidente da Abiec, Marcus Vinicius Pratini de Moraes, o Brasil está aprendendo a valorizar as suas mercadorias. "Nós não dávamos o devido valor a nossa produção. A partir de agora, quem quiser a nossa carne, que pague melhor por ela", disse.

De acordo com Pratini de Moraes, a tendência é que os preços dos produtos aumentem ainda mais e, a partir dessa valorização, o Brasil terá maior credibilidade no cenário internacional. Ele afirma que o setor agropecuário

nacional vive uma boa fase, principalmente com a desvalorização do dólar, que permite reduzir os custos de produção. "Devemos aproveitar esse momento para ascender o setor. Quanto a alguns embargos isolados, como da Bulgária e Romênia, estamos aguardando medidas diplomáticas urgentes, porque isso é inadmissível", diz. Vale lembrar que as exportações de carne para a Europa, neste primeiro bimestre, somaram US\$ 237 milhões.

Para o presidente da Associação Brasileira da Indústria Produtora e Exportadora de Carne Suína, Abipcs, Pedro de Camargo Neto, o mercado asiático é uma boa alternativa para compensar a queda nas exportações à Europa. Em uma recente visita à China, Camargo percebeu que, ao invés de exportar, esse país passou a importar carne suína, principalmente dos Estados Unidos.

Em outra frente que também vem sendo trabalhada, em maio, uma comitiva brasileira irá realizar um churrasco de confraternização comercial na Arábia Saudita e nos Emirados Árabes. "Nosso objetivo é mostrar a qualidade



dos nossos produtos para o resto do mundo, principalmente para essa região, que importou mais de 92 mil toneladas no primeiro bimestre deste ano", comenta Pratini de Moraes.

Ricardo Maia

